



EDUCAÇÃO INCLUSIVA: O EMPREGO DE MATERIAIS ALTERNATIVOS PARA O ENSINO DE BIOQUÍMICA

ALISON ACOSTA MUNHOS¹; RITA DE CÁSSA M.CÓSSIO RODRIGUEZ².

¹Universidade Federal de Pelotas - alisonmunhos@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas - rita.cossio@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Considerando os avanços ocorridos no campo da pesquisa e dos estudos em Educação, ainda observa-se a necessidade de maiores mudanças com relação às metodologias aplicadas em sala de aula, espaço que ainda apresenta um predomínio de aulas expositivas com a transmissão de informações pelo professor da educação básica (BRÃO; PEREIRA, 2015). No que diz respeito ao ensino superior a realidade não é muito diferente, ou seja, muitas informações e conhecimentos são transmitidas sem que o aluno consiga compreendê-las de forma adequada. Além disso, a maneira como frequentemente os conteúdos são abordados em algumas disciplinas, principalmente as relacionadas ao campo da química e da genética, faz com que os estudantes sintam-se desmotivados e passem a memorizá-los como forma de garantir a aprovação (BRÃO; PEREIRA, 2015; ROCHA et al, 2012; HERMANN 2013; MARINEZ et al, 2008)

Quando trazemos essa discussão para o âmbito da educação especial, estamos ainda mais longe do ideal, ou seja, alunos de ensino superior que apresentem necessidades educacionais especiais, ou mais especificamente, déficits cognitivos, acabam sendo ainda mais afetados por essa forma tecnicista e impessoal que é adotada pela maioria dos professores, uma vez que para esses alunos é necessário dar uma maior atenção às suas necessidades, bem como o emprego de metodologias diferenciadas.

Nessa perspectiva, o Núcleo de Acessibilidade e Inclusão da Universidade Federal de Pelotas (NAI) vem trabalhando com a promoção de políticas e ações para efetivar essa inclusão. O NAI conta com uma equipe de trabalho composta por professoras, técnica-administrativas, educadoras especiais e também com acadêmicos-tutores-bolsistas que trabalham junto a esses alunos com necessidades educacionais especiais, para acompanharem o desenvolvimento acadêmico destes, e também para oportunizar intervenções e atividades diferenciadas para auxiliar esses estudantes na compreensão de um determinado assunto ou disciplina. O emprego da tutoria, portanto, tem o intuito de contribuir para uma educação que seja de fato inclusiva no ensino superior.

Este trabalho se inscreve na área da educação, e tem por objetivo relatar uma experiência de tutoria com uma acadêmica da área das agrárias, a qual apresenta uma deficiência intelectual leve. Pessoas com deficiência intelectual costumam apresentar dificuldades para resolver problemas, compreender ideias abstratas (como as metáforas, a noção de tempo e os valores monetários), estabelecer relações sociais, compreender as regras, e, em alguns casos, realizar atividades cotidianas como, por exemplo, as ações de autocuidado. Neste trabalho busco trazer para reflexão e para debate a importância da utilização de metodologias alternativas, por intermédio da tutoria acadêmica, para conferirmos inclusão aos estudantes com deficiência (BELO, C. et al, 2008).

2. METODOLOGIA

Aliando conceitos e práticas, o NAI vem promovendo ações de conscientização, discussão, formação, apoio, atendimento, intérprete, dentre outros, e, ainda intenciona a criação, organização e acervo de recursos didáticos adaptados que possibilitem avanços nos processos de aprendizagem e inclusão.

O projeto de tutorias promovido pelo NAI tem realizado anualmente seleção de alunos da universidade para atuarem como tutores de alunos, também da universidade, que apresentem alguma deficiência, ou tenham Transtorno do Espectro do Autismo, altas habilidades ou ainda que possuam Superdotação.

O NAI prima pela realização de uma tutoria entre pares, ou seja, aquela em que um acadêmico em semestre mais avançado tutora um outro acadêmico de mesmo curso de semestre mais inicial. Não conseguindo estabelecer a tutoria entre pares o NAI busca aproximar as áreas do conhecimento através dos cursos de graduação afins.

A minha atuação como tutor junto a aluna com Deficiência Intelectual Leve ainda está em andamento. Além de auxiliá-la com a organização dos conteúdos, horários, datas e outras questões burocráticas dentro da Universidade, os encontros vêm se baseando principalmente nos estudos referentes a disciplina de Bioquímica I.

Os estudos ocorrem de uma a duas vezes por semana, na sala de atendimento do Laboratório de Ensino de Ciências e Biologia (LENCIBIO), que se situa no Instituto de Biologia do Campus Capão do Leão. Nossas primeiras aproximações se centraram na avaliação das necessidades emergentes apresentadas pela aluna, para que então eu pudesse traçar um plano de trabalho que melhor se enquadrasse às suas necessidades. Como constatei que a preocupação maior dela era com a disciplina de Bioquímica, logo comecei a pensar em formas mais acessíveis quanto ao processo de aprendizagem, levando em conta a sua deficiência e também o que me foi passado por ela.

Bioquímica é uma disciplina que lida com questões muito abstratas e de difícil contextualização. Minha função, portanto, vem sendo procurar formas de tornar esse processo de aprendizagem mais lúdico, como também eficiente. Neste sentido, portanto, foram confeccionadas letras de EVA correspondentes as siglas dos componentes químicos referentes ao conteúdo de Glicídios, Aminoácidos, Enzimas e Proteínas (Figura 1).



Figura 1: Figura 1: Molécula de um glicídido confeccionada com EVA

Esse material foi confeccionado com a ajuda da aluna tutorada, e sempre partindo de sua demanda. Ou seja, a construção desse material, bem como as ideias de utilização foram sendo elaboradas em conjunto, de forma que a aluna se sentisse incluída no processo. Uma vez que os modelos foram feitos, sua utilização foi feita conforme a necessidade. Por exemplo, para a resolução de um exercício que previa a montagem de uma cadeia polipeptídica, a montagem era feita antes com o auxílio do modelo. Dessa forma se tornava mais fácil para aluna entender o processo que estava ocorrendo. A vantagem desse método é que é possível mudar as peças de lugar e trabalhar vários conceitos concomitantemente, além de ser um método barato e que pode ser aplicado em qualquer realidade (Ver figura 2).

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

O Núcleo de Acessibilidade e Inclusão tem proporcionado formação para nós tutores ao longo da realização das tutorias. Nestes encontros de formação são propostos estudos, discussões, trocas, entre outras atividades. As orientações são para que possamos sempre primar pela autonomia do acadêmico tutorado, pelo aumento de sua participação em aula e na vida acadêmica, e pelo desenvolvimento de seu protagonismo frente aos processos de aprendizagem.

As tutorias vêm estabelecendo parcerias entre tutor e tutorado, através do coleguismo para estudo, para reflexão, para elaboração e resolução de atividades. Os suportes, os apoios, a convivência sistemática, têm sido de grande importância para nossos tutorados, que em muitas situações ainda costumam ser discriminados, não inseridos nas lógicas e nas propostas dos cursos e da universidade. A tutoria vem tendo uma colaboração bastante relevante no processo de inclusão, através da qual, nós tutores, temos nos dedicado para tornar mais acessível, aos acadêmicos com alguma deficiência, a formação universitária.

Tem se tornado bastante perceptível, para cada vez mais pessoas, a importância dos acadêmicos com deficiência inserirem-se na vida universitária, frequentarem restaurante universitário, festas, diretório acadêmico, palestras, eleições, manifestações artísticas e culturais, e eventos outros. Com a ampliação desta inserção vão contemplando uma vida social, se relacionando bem mais, construindo novas amizades e parcerias, experimentando uma série de oportunidades que a fase universidade propicia ao sujeito que ingressa nela.

A partir da efetivação destas novas propostas acreditamos na inclusão de fato e de direito, lembrando também da essencial questão pedagógica de que os estudantes com deficiência precisam ser pensados na construção dos currículos dos cursos e nos planejamentos das disciplinas, no acesso à tecnologia assistiva, nas propostas de formações continuadas para docentes, nas formas de interação com os colegas de turma e entre as turmas, no debate político acadêmico com as temáticas envolvendo a inclusão, na luta pelas diversas formas de acessibilidade.

A nova política de cotas de nossa universidade, a partir de 2017\02 reservando vagas para pessoas com deficiência, estão possibilitando o ingresso no ensino superior de mais pessoas com deficiência. Neste sentido, a realidade do dia-a-dia de nossa universidade vai ganhando novos contornos, novos desenhos. A multiplicidade de jeitos, de cores, de ritmos, de intensidades, de

interesses, de necessidades educacionais vai predominando, e passando a requer de todos e de todas novas entendimentos, novas posturas e novos encaminhamentos. Direitos são conquistados, convividos são alargados, as diferenças compartilhando espaços e tempos de formação universitária.

4. CONCLUSÕES

Para mim, ter me inserido, mesmo que ainda a passos lentos, no mundo da inclusão, me fez ver a Universidade com outros olhos. Um ambiente plural, cheio de diversidade e de oportunidades, mas que ainda está longe do que se entende por uma inclusão equânime e integral.

Como futuro professor, ter a oportunidade de trabalhar tão de perto com o processo inclusivo está me auxiliando a desenvolver uma sensibilidade que é inerente a ele, além da bagagem teórica, estudos e pesquisas que não podem ser deixadas de lado, afinal é um eterno aprendizado.

Minha relação com a aluna assistida se tornou uma relação de amizade. Aprendi e ainda estou aprendendo muito com ela, que acabou aprovando na disciplina de Bioquímica. Para muitos, aprovar numa disciplina é algo muito corriqueiro, mas quando se trata de uma pessoa que não se sente contemplada no processo de ensino e aprendizagem, ver a sua felicidade e satisfação em vencer mais uma barreira, é algo que não tem preço.

Ainda estamos longe do ideal, mas são esses pequenos passos que vão nos levar a inclusão que tanto queremos, uma inclusão na universidade, na sociedade, no mundo. Afinal, a diversidade potencializa, enriquece, nos desafia, nos instiga e nos provoca a melhorar, superar e avançar em todos aspectos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRÃO, A, F, S; PEREIRA, A, M, T. Biotecnética: Possibilidades do jogo no ensino de genética. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, v. 14, n. 1, p. 55 - 76, 2015.

HERMANN, F, B. Os jogos didáticos no ensino de genética como estratégias partilhadas nos artigos da Revista Genética na Escola. In: ENCONTRO REGIONAL SUL DE ENSINO DE BIOLOGIA, 6., 2013. Santo Ângelo: Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, 200 **Anais...** Santo Ângelo, 2013.

MARTINEZ, E. R. M.; FUJIHARA, R. T.; MARTINS, C. Show de Genética: um Jogo Interativo para o Ensino de Genética. **Genética na Escola**, v. 1, n. 2, p. 24 – 27, 2008.

BELO, C. et al. Deficiência Intelectual: Terminologia e Conceptualização. **Revista Diversidade**, v. 1, n. 22, p. 4 - 8, 2008.